

KATÚ MIRIM E O HIP-HOP: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA DE PESQUISA

Isabely Schermak Sanson Freitas
Letícia Fraga

INTRODUÇÃO: Neste texto apresento parte de minha pesquisa de mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Na dissertação, proponho analisar letras de rap produzidas pela multiartista Katú Mirim, indígena do povo Boe Bororo, com o objetivo de refletir sobre como ocorre a luta e a resistência de indígenas mulheres no rap, e como o Hip-Hop se torna um espaço de Retomada ancestral. Neste trabalho, descrevo a metodologia que desenvolvi para a etapa do levantamento bibliográfico, que chamei de Metodologia de Batalha de Conhecimento em homenagem à BDC - Batalha do Conhecimento (Nicomedes, 2025). Ou seja, aqui mostro, por meio desta metodologia, como os/as autores/as do referencial teórico selecionados/as por mim “batalham” uns com os/as outros/as, isto é, dialogam entre si, para me amparar no processo de análise das músicas de Katú. Além de descrever a construção dessa metodologia, ilustro parcialmente esse processo por meio da descrição de uma batalha.

METODOLOGIA: A discussão do levantamento bibliográfico que trago neste texto inicia na pesquisa bibliográfica convencional, de Campos *et al.* (2023). Esta etapa me permitiu definir quais produções bibliográficas deveriam/seriam lidas por mim e quais conceitos eram importantes para a pesquisa. Contudo, o levantamento bibliográfico convencional não me permitiu desenvolver todo o potencial dos/as autores que mobilizei, pois ele se restringe a uma reflexão restrita, como se finalizada e indiscutível. Faltava ritmo, pois remetia a uma concepção de ciência e de método científico concluída e não em processo.

O tema central da pesquisa é o Hip-Hop. Por isso, me parece fazer muito sentido pensar os/as autores/as mobilizados a partir do universo do Hip-Hop. Ou seja, em vez de apenas apresentar conceitos, refletir sobre eles, a intenção era construir a pesquisa a partir de um método Hip-Hop e não partir de uma visão academicista, distanciada dele, alheia a ele, para analisar/escutar/dizer a Rua. Ao contrário disso, proponho aqui que os/as autores/as mobilizados batalhem entre si, no que chamarei de batalha de conhecimento em analogia à batalha de rima - BDC. Logo, o referencial teórico é construído através da ideia de chaveamento de batalha de rima. A “Chave” é um método/gênero textual utilizado para organizar a ordem de cada batalha de rima (conhecido como Round) e quais MCs vão disputar. Geralmente, uma chave é composta por 16 MCs e tem 3 fases compostas pelos Rounds. A Batalha do Conhecimento (BDC) é fundada por Marechal MC e tem como foco o conteúdo da rima. O Hip-Hop é uma cultura de referências/compartilhamento, como afirma Emicida: “uma cultura que tem o sampler como forma de reverência aos que vieram antes” (Piskor, 2016, p. 6). Logo, nesta dissertação, as citações não apenas justificam e autorizam que posso dizer na análise. Os/as autores/as compartilham seus conhecimentos comigo e falam comigo, como partes fundamentais do texto, cheias de sentimentos e luta. Ou seja, as Wayrakuna, quando citadas, não apenas me autorizam, elas compartilham e

dizem junto comigo. Desta forma, organizei o referencial como Fases de batalha de rima (que são os Tópicos de discussão), com seus MCs (os/as autores/as) e as rimas (a discussão teórica em si). Cada fase tem um conhecimento central. Aqui vou exemplificar como venho organizando o referencial teórico da dissertação pelo conhecimento central (palavra-chave) “Indígenas Mulheres”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Para exemplificar, a construção se deu da seguinte forma: antes de cada fase da batalha (tópico de discussão) apresentei as/os autoras/es com fotos e descrições biográficas. Depois, iniciei a discussão que elas/es fazem e como entendem o tema trabalhado. Entre os resultados parciais do meu referencial teórico estão a “FASE INDÍGENAS MULHERES - WAYRAKUNAS”, em que apresento as autoras e realizo a discussão a respeito do que é ser “Indígena Mulher” em três perspectivas levantadas pelas MCs (autoras) mobilizadas: o uso do termo “indígenas mulheres”; “a violência do Estado contra elas”; e “A força da indígena mulher”. A respeito disso, as autoras afirmam:

somos, antes de tudo, indígenas. [...] Indígenas mulheres, dizemos com força, para demarcar nossa condição originária, nossa parentela, irmandade e vínculos afetivos que nos entrelaçam espiritualmente. (Kayapó, Payayá, Tupinambá [et.al.], 2023, p. 14)

Assim, as autoras destacam a importância de se dizerem indígenas, ou seja, dissertam sobre sua vivência enquanto indivíduos e coletivo marcadas por seu povo, e pela imposição de conceitos e “normas” sociais europeias aos povos. Depois, a batalha segue com outras falas, agora, a denúncia de como a história e os colonizadores trataram/tratam as indígenas. Por fim, Eva Potiguara (2023) destaca a força da indígena mulher. Esse entendimento é importante, pois Katú Mirim é uma indígena mulher, e sua identidade atravessa suas produções artísticas, bem como, o método usado valoriza o conhecimento produzido pela Cultura Hip-Hop.

Palavras-chave: Indígena Hip-Hop; batalha de conhecimento (BDC), Katú Mirim.

REFERÊNCIAS:

CAMPOS, L. R. M. *et al.* A revisão bibliográfica e a pesquisa bibliográfica numa abordagem qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, São Paulo, 2023.

KAYAPÓ, A. N. K. L. *et al.* (org.). **Wayrakuna**: Polinizando a vida e semeando o Bem Viver. Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2023. P. 232.

PISKOR, Ed. **Hip-Hop Genealogia**. São Paulo: Veneta, 2016. p. 128.

VIEIRA, R. C. S. M. Hip-hop, rima e aprendizado: o poder da Batalha do Conhecimento na sociedade. [Entrevista cedida a] João Nicomedes. **Cultura Preta**, 2025. Disponível em: <https://culturapreta.com/2025/10/17/hip-hop-rima-e-aprendizado-o-poder-da-batalha-do-conhecimento-na-sociedade/> . Acesso em: 18 abr. 2026.

AGRADECIMENTOS: Agradeço à CAPES pela bolsa concedida. Agradeço também à minha orientadora, Letícia Fraga, pela confiança e pela nossa trajetória.